

Histórias pro Sertão Voar

Texto de Ney Mendes, construído a partir da escutatória realizada pelos seis Sertões que compõem o Sertão de Pernambuco.

Essa história se passa no meio do mundo conhecido por Sertão. Três sertanejos, andarilhos, se encontram e compartilham suas vivências e emoções colhidas nesse pedaço de chão.

Primeiro Sertanejo — Deem-me licença, tudo quanto é gente, das pequeninas às que se puseram grandes. Tenho riqueza das mais valiosas que se pode ter para repartir com vocês. Venho de longe e, por tempos, venho até aqui chegar.

Tenho história de gente bonita, que recebe bem, que tem sorriso largo no meio da cara pra oferecer e que não nega um dedo de prosa pra qualquer andarilho que quer que seja. Comigo foi bem desse jeito que aconteceu. Sob o sol brilhoso, de cor de ouro, pendurado no alto do céu, com os pés bem postos em terras do Sertão, recebi de uma dama muito bonita tal história:

Leonor é o nome da moça de quem vou falar.

Uma menina formosa, como tantas meninas daquele torrão de terra onde vivia. Criada como tantas outras, vivia seu tempo de meninice rodeada por sua mãe e seu pai, numa casinha simples encravada na rua principal daquele lugar.

Mas Leonor tinha algo diferente das suas amigas de mesma idade. Leonor parecia entender o idioma dos pássaros. A menina vivia assoviando pelas ruas, correndo e saltando como se alçasse voo, assim como seus amigos passarinhos. E ela brincava pelas ruas até o entardecer, quando seus amigos de penas se recolhiam.

E o tempo passou ligeiro no Sertão. O corpo de Leonor despedia-se da meninice e preparava-se para sua nova jornada: a mocidade que já batia à porta. Mas, ainda assim, a menina não cansava de brincar na rua com os pássaros que lhe visitavam dia sim, dia não.

— Leonor está se pondo moça e ainda vive brincando com passarinho no meio da rua, como se fosse menina. Mas quem já se viu uma coisa dessas?

— Ela vai é virar passarinho que nem esse bando de pardal com os quais brinca no terreiro.

— Ainda mais agora que está chegando a hora de se tornar mulher.

— Mulher não pode viver livre no meio da rua como se tivesse asas, não. Tem que aprender as coisas de casa: lavar, passar e cozinhar.

E foi essa a conversa que se espalhou por todo o vilarejo, até chegar ao ouvido da mãe de Leonor, que, atordoada com o que diziam suas vizinhas, deixou-se levar...

— Leonor, minha filha, de hoje em diante não saia mais à rua para brincar com passarinhos. Você é moça crescida, logo-logo vai virar mulher e tem muito ainda o que aprender.

Leonor entristeceu-se profundamente com a regra imposta por sua mãe. Chorou por dias e noites seguidas por não poder mais planar pelas ruas com os passarinhos.

Mas sua tristeza não pôde vencer o seu desejo de liberdade. E, numa tarde brilhosa de sol, aproveitando a distração de seus pais, disparou em direção à rua, ao encontro dos seus amigos amados de penas. E brincou, brincou com todos os pássaros que lhe rodearam rapidamente...

Até que foi percebida por uma fulana, que rapidamente avisou a outra fulana, e assim, num piscar de olhos, a rua estava cheia, mirando Leonor, que continuava a girar...

— Vai virar passarinho! Vai virar passarinho! Vai virar passarinho!

— Vai virar passarinho! Vai virar passarinho! Vai virar passarinho!

Todos gritavam, até que se tornaram uma só voz, alta, forte, que chegou até a menina, derrubando-a no chão e espantando todos os passarinhos que a rodeavam...

Nesse exato momento, o corpo de Leonor passou pela transformação que a levou de vez para a idade adulta. Assustada, a menina, caída no chão, balançava seus braços como se quisesse afastar a voz do povo, que continuava a esbravejar:

— Vai virar passarinho!

E, como mágica, penas começaram a surgir nos braços da moça, que logo se tornaram duas lindas asas, iguais às dos pardais com os quais costumava brincar.

E, quando se preparava para voar para longe dali, foi segurada pelas pessoas que se amontoavam ao seu redor, a essa altura, chamando-a de bruxa!

— Bruxa! Bruxa! Bruxa!

Decidiram, então, prender a menina numa caverna que existia no alto da serra, perto do vilarejo. Puseram uma pedra grande e pesada na porta da caverna para que Leonor não pudesse fugir.

Passaram-se alguns dias e as pessoas, achando que a moça não poderia ter resistido à falta de água e de comida, foram ali buscar os restos de seu corpo para que sua família pudesse sepultá-la. Surpreenderam-se ao abrir a caverna e não achar rastro de Leonor ali dentro.

Ao olharem para o alto da caverna, notaram que havia uma brecha bem no topo, que só poderia ser alcançada a voo.

E foi por lá que Leonor saiu e encontrou a liberdade. Dizem que, em dias de sol brilhoso, a moça passa voando no alto do céu, fazendo com que sua sombra dance feliz no terreiro daqueles que lhe fizeram mal...

Segundo Sertanejo — Já que é de histórias de asas e penas que estamos falando, permitam-me contar uma prosa que pede para voar.

Tem muito tempo que essa história me chegou, num dia em que a sede d'água me foi socorrida por um senhor gentil que descansava no batente de sua casa. Quando cheguei sedento por água, fui presenteado também por essa história que agora partilho com vocês.

Um jovem trabalhador que vivia nesse Sertão vivia sozinho, sem parente nem aderente. Sozinho em casa, contava somente com a companhia de um pássaro preto, que em uma gaiola morava.

Mas não era preso, atravancado, que o pássaro passava os dias. À gaiola recorria somente ao findar do dia, no cair da noite, onde se recolhia.

O homem que vivia sozinho, no que diz respeito à gente, assim que nem a gente, tinha sorte e apreço pela natureza, que lhe concedera tão formosa companhia. O pássaro preto o seguia de noite e de dia. Pra onde quer que fosse o homem, o pássaro ia. Nos caminhos esquisitos que, às vezes, o homem fazia, o pássaro seguia à frente, espiando para todos os lados, prevenindo o homem do perigo que aparecia... E assim seguiram-se os anos naquela companhia, um do outro, de noite e de dia.

O cuidado e o carinho entre os dois amigos eram tamanhos que, no dia em que sentiu que chegara sua hora de partir para não mais voltar, o homem acordou bem cedinho, diferente de todos os outros dias, levantou-se da cama e, sem fazer barulho para não acordar o seu amigo, seguiu em direção ao mato.

Mas, antes, deixou dobrados sobre a mesa da sala o seu lenço de seda, seu relógio de pulso e o bisaco de alpiste, coisas das quais não se apartava nunca.

O lenço usava escondido para secar as lágrimas de riso e as de dor, quando se emocionava.

O relógio, pra medir o tempo, pra saber se estava perto ou longe o tempo de ir.

O bisaco de alpiste era pra alimentar seu amigo onde quer que estivesse.

Deixou tudo sobre a mesa, como quem diz: até breve, meu amigo. E seguiu.

No despertar do dia, o pássaro acordou e, ao procurar seu amigo, deparou-se com seus pertences cuidadosamente deixados. Entendendo o ocorrido, não lhe restava mais motivo para ali continuar. Foi então que o pássaro preto decidiu ganhar o vento e seguir cuidando de gente sozinha no mundo, avistando o perigo e espalhando bondade.

Terceiro Sertanejo — A minha história vem de tempos bem mais distantes. Fala de uma terra e de um povo que viam sagrado em tudo quanto era coisa que viam. Respeitavam pedras, flores, águas e serras. Um povo que cuida da terra e cuida da gente que é sua.

A história que trago para partilhar fala de um menino, tido por guerreiro de um povo que vivia à beira de uma serra que tinha, no topo, uma pedra bem grande. Dizia o povo dali que essa pedra era encantada, capaz de realizar desejos, curar doenças e afastar maus agouros do povo que a tratasse com zelo.

Mas, num dia, soprado pelo vento, chegou ao povo o aviso de que um bando de homens brancos, munidos de armas de fogo, aproximava-se da serra com o intuito de destruir a grande pedra. Pois, se era de encanto, não era ali que deveria ficar. Diziam os homens que retirariam a pedra e a colocariam em outro lugar.

O povo, agoniado, temendo perder a pedra que protegia a comunidade, decidiu pedir auxílio ao pajé, o mentor espiritual do lugar.

— É preciso um sacrifício pra que a pedra continue no mesmo lugar. Um de nós, que sabe do valor que ela tem, deve se despedir do nosso povo para sempre e ir além. Deve viver na pedra e dela cuidar. Só assim ganhará força e sabedoria pra enfrentar o homem branco que deseja destruir nosso encanto.

E, sem pensar mais de dois minutos, o menino que, no início da história, eu apresentei colocou-se no lugar do sacrifício, despediu-se dos parentes e dos amigos e subiu a serra sem olhar pra trás.

Chegando à pedra encantada, deitou a cabeça para descansar e, quando acordou, não pôde acreditar. Havia se tornado um lindo gavião, de penas grandes e asas poderosas. Com visão privilegiada, enxergava o que humano nenhum podia ver.

E foi assim, desse jeito, valendo-se do vento e do que via, que ajudou o seu povo contra o ataque que recebiam. Do alto da serra, fazia rolar pedras pra dispersar o malfeitor. Com o vento das suas asas a bater, fazia nuvens de poeira pra não deixar ninguém enxergar o caminho à frente, e assim os homens brancos se perdiam pra sempre na serra que não tinha fim.

Foi desse jeito que o indígena guerreiro virou gavião e tornou-se o guardião da pedra encantada, encravada no meio do Sertão.

Primeiro Sertanejo — E vento vai, vento vem, teve dias de eles saírem voando a céu aberto, entre as nuvens, pelas paragens que margeiam o Sertão pernambucano, entrando em ruas, aldeias, quilombos e assentamentos. Subindo e descendo, chegaram num ponto frente ao mundo d'água boa que se esparramava pelo chão. Sobrevoando aquele rio imenso, repleto de vidas por dentro, por fora e por todos os lados, eles se viram, se reconheceram e se aceitaram como convidados um da história do outro.

Segundo Sertanejo — E lá em cima, planando, viram, no centro do rio, acima de uma pedra bonita e frondosa, um homem que suplicava por ajuda. Desceram rapidamente, almejando oferecer ajuda ao pobre homem desesperado. Foi quando chegaram perto que puderam, enfim, ter certeza de quem se tratava aquele senhor.

Era o Nego d'Água, o encantado protetor das águas do São Francisco.

— O rio corre perigo, e é perigo dos grandes. Seu encanto tende a se acabar, e os peixes, as plantas e tudo que tem vida ou depende desse lugar findará com ele. É preciso trazer o carneiro de ouro, que vive no alto das montanhas rochosas. Ele tem a magia capaz de fazer retornar o encanto do rio. Quando o carneiro aqui chegar e um gole d'água do rio ele tomar, todo o encantamento tornará a ter força, ganhando brilho e dando vida a todo o lugar — dizia o encantado das águas.

Terceiro Sertanejo — Me vali dos pescadores, das lavadeiras e dos meninos de beira de rio pra contar essa história, pra que um deles pudesse ir buscar o carneiro. Mas minha figura mete medo em todo mundo que vê... Gritei o mais alto que pude, pra todos os cantos que pude avistar. Mas não deu jeito. Não teve conversa, ninguém quis me socorrer... — continuava a dizer o Nego d'Água.

Primeiro Sertanejo — E, ao ouvir o lamento do Nego d'Água, os três pássaros resolveram ajudar. Subiram céu adentro, cortando nuvem e cortando vento. Embrenharam-se nas montanhas, um ajudando o outro. Procuraram nas brechas rochosas, nos galhos espinhentos, debaixo de pedra, e nada do carneiro de ouro encontrar.

Mas não sabiam eles que o brilho do bicho só aparecia no início da noite, quando o sol sumia e a lua tomava conta do céu. O brilho do ouro reluzia no escuro pra espantar bicho grande, seja vivo ou assombração.

E, quando o sol despencou do dia, num canto plano da rocha mais alta da montanha, o brilho do ouro surgiu. Parecia tocha de fogo reluzindo magia...

Juntaram-se os três pássaros e, em suas asas, levaram o carneiro até o Nego d'Água e deixaram-no na pedra do rio.

— Agora só nos resta esperar que o encantado tenha sede e queira, com a água do rio, matar.

Segundo Sertanejo — O bicho ficou naquela pedra por dias e noites a fio. Não sentia fome, nem sede, nem frio. Enquanto isso, o povo sentia na pele o resultado da mazela do rio. Já não se tinha peixe pra pescar. A água estava salobra demais pra sede do povo matar. As plantas estavam esturricadas pelo sol do Sertão, pois a água do rio já não se tinha pra regar.

E, quando todos estavam por um fio pro lado da morte passar, o carneiro de ouro baixou a cabeça e um gole d'água engoliu.

Terceiro Sertanejo — Como mágica, tudo mudou. O rio voltou a sorrir e água de novo brotou. Os peixes saltavam da água, as plantas nas margens cresciam.

O povo voltou a sorrir e sem sede de água vivia.

Ao beber a água, o carneiro sumiu. Como num encanto, ninguém nunca mais o viu.

O Nego d'Água voltou pras profundezas do rio, e o trio de pássaros o céu ganhou.

Fim

Este projeto foi fomentado pelo Programa Funarte de Apoio a Ações Continuadas 2023 – Grupos e Coletivos Artísticos.